

ALUNOS SE ENCONTRAM, 40 ANOS DEPOIS



Janelas d'alma: daqui os estudantes assistiram a chegada das tropas do Exército, sem revide.

CRUSP: expulsos em 1968 relembram a história

A invasão do Exército, as prisões, o fechamento do prédio... os estudantes lembram muito bem de tudo

Fernando Vieira

A chuva fina de 17 de dezembro de 1968 ainda está fresca na lembrança. Naquela madrugada, muitos estudantes dormiam enquanto os tanques e veículos de guerra se posicionavam nos arredores do Conjunto Residencial da USP - o chamado Crusp.

Soldados do exército estavam preparados para uma reação, deslocando-se cuidadosamente, de árvore em árvore. Das janelas dos quartos, alguns moradores, claro, perceberam a intensa movimentação externa. Mas só acompanharam com olhares. Jamais houve o esperado revide.

Mesmo assim, todos que estavam por ali foram detidos e levados ao então Presídio Tiradentes. E, dia após dia, liberados da detenção com a condição de não mais voltarem às antigas moradias. O Crusp foi fechado pelos militares.

6 Não existe uma lista com o nome dos ex-moradores do Crusp. Todos os arquivos sumiram.

Victor Foroni

Quase 40 anos depois, um reencontro dos ex-estudantes cruspianos permitiu reviver parte deste episódio que entrou para a história. Cerca de 600 pessoas participaram do evento, que marcou a quarta década da invasão e tomada militar do conjunto residencial, realizado no colégio Notre Dame, na última semana.

Muitos não se viam desde aqueles dias de ensaio à repressão, que endureceria mais tarde, na década seguinte. Por isso, o reencontro teve uma carga menor de conotação política e ganhou ares de um evento informal, de reencontro de colegas afastados por longa data.

'Diáspora' - Era preciso um certo esforço para que os ex-estudantes se reconhecessem, alguns deles já com poucos cabelos ou fios brancos. "Quando o Crusp foi fechado, houve uma diáspora. Grande parte só está se reencontrando após 40 anos", constata o ex-cruspiano Hugo Marques Rosa, hoje engenheiro.

Ele ainda é capaz de contar em detalhes a invasão militar do conjunto residencial. Lembra-se de ter sido acordado pelo barulho dos tanques nas proximidades da raia de remo. "Quando me dei conta, o prédio estava cercado. Sai do Crusp pela manhã com a roupa do corpo. Voltei apenas pa-

ra pegar o que podia carregar - o restante dos meus objetos pessoais ficou lá e não sei o que aconteceu com eles".

Histórias como essa dão o tom das conversas. Outro ex-cruspiano, o engenheiro naval Luiz Eduardo Osório Negrini, fala em horror sobre aquela situação, mas se entusiasma ao rever José Fernando Perez, mais um ex-estudante. "Os dez anos seguintes de repressão ajudaram a nos afastar. Se corresse a notícia de que estudantes se encontravam já seria um alarde durante a ditadura. Imagine então se fossem ex-cruspianos", avalia Negrini, que logo se reconhece numa das fotos expostas no evento.

Lembranças na caixa - O papo entre os dois segue. Contam o que fizeram ao longo dos anos e o que fazem hoje. A poucos passos, o pedagogo Antonio Carlos Rocha mostra aos colegas uma recordação inusitada que só um ex-cruspiano daquele período poderia ter: a letra de uma música composta durante os dias de detenção, pós-tomada do Crusp. Elenem sabia mais da existência do "documento", encontrado "sem querer" pela esposa em uma caixa pessoal, vasculhada especialmente para o evento.

A ex-estudante de física Nilce Azevedo Cardoso também exibiu um álbum de fotos, onde ficou registrada desde uma festa junina no prédio da USP a reuniões de protestos no restaurante do conjunto. Ostenta ainda registros da perseguição que sofreu anos depois com a tortura por ter se engajado em movimentos contra a opressão militar.

Nilce fala com orgulho da experiência iniciada na moradia universitária e do empenho pela redemocratização do País: "No fim, o que resta é que descobrimos que todos, unidos, podemos dar esperança, modificar situações e encontrar saídas novas", observa.

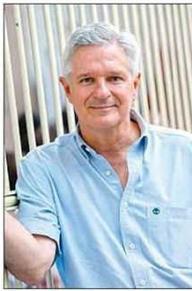
Reunir um grupo tão grande, passado tanto tempo, não foi uma tarefa fácil. A ideia partiu de uma reduzida comissão de organizadores que sempre se manteve em contato. Todos ex-cruspianos, é claro.

"Não existe uma lista com o nome dos ex-moradores do Crusp. Todos os arquivos sumiram. Então, passamos a fazer uma busca com as indicações de conhecidos há cerca de quatro meses", conta o ex-estudante da Poli, Victor Henrique Foroni. "Depois fizemos um site da turma. Chegamos a uma lista com aproximadamente 800 nomes dos cerca de 1.400 que lá moravam", festeja.

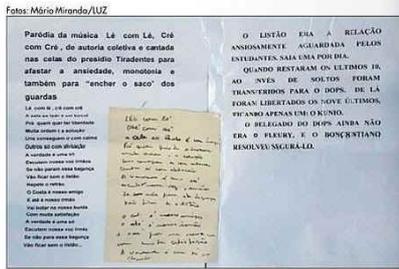
Os prédios do Crusp foram construídos por ocasião dos Jogos Panamericanos de 1963, realizados em São Paulo. Após o evento esportivo, no mesmo ano, os apartamentos foram invadidos por estudantes da USP, que os reivindicavam como alternativa de moradia para aqueles que não tinham condições de se sustentar na capital paulistana e vinham de outras cidades e Estados para estudar. Hoje, cerca de 1.800 estudantes, entre graduandos e pós, vivem no conjunto residencial.



À direita, carteira de sócio, que permitia alimentação e moradia no local. Abaixo, Hugo Marques da Costa: "Quando me deiconta, o prédio estava cercado. Sai do Crusp pela manhã com a roupa do corpo", relembra.



Recordar é viver: Nilce Azevedo Cardoso hoje (acima) e num encontro de colegas - uma das fotos da época do Crusp que ela guarda com carinho em um álbum, numa espécie de arquivo memorial. Nice é a segunda, da direita para a esquerda.



No alto, um dos "achados" da turma: a letra de uma música composta na prisão por um dos estudantes detidos durante a tomada do prédio pelas tropas do Exército. Acima, Victor Henrique Foroni.



ERRATA
Na edição da última quarta-feira, na página 8, o nome do novo secretário municipal da Mulher, José Aristodemio Pinotti, constou como secretário do Trabalho, pasta recém-assumida por Marcos Cintra. Pinotti, deputado federal pelo DEM, foi um dos aliados do prefeito Geraldo Kassab na campanha pela reeleição. E Cintra, vereador do PR, passa a ocupar a vaga em lugar de Nelson Costa, que terá nova função.

Basta ser um rapaz direito para ter crédito na A EXPOSIÇÃO

aproveite as vantagens do CREDIÁRIO para comprar a sua roupa feita

Lembre-se: A EXPOSIÇÃO tem a roupa que lhe serve desde \$850

A Exposição PATRIARCA #10. 5. BENTO

CENTRO: Patriarca esq. São Bento BRÁS: Avenida Rangel Pestana, 2135

VEJA EM CIDADE 4

